



UNIVERSIDADE DOS AÇORES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

**A INTERNACIONALIZAÇÃO DOS AÇORES NO QUADRO
DA GRANDE GUERRA:**

A base naval americana em Ponta Delgada (1917-1919)

Paulo Jorge Medeiros Araújo

Dissertação apresentada à Universidade dos Açores, para
obtenção de Grau de Mestre em Relações Internacionais,
sob a orientação do Professor Doutor Luís Andrade e a
coorientação do Professor Doutor Carlos Riley

Ponta Delgada

2016

À memória dos meus pais, Maria da Encarnação e Herculano

Aos meus filhos, Beatriz e Guilherme

Agradecimentos

Nestas páginas de abertura, começamos por contar uma outra “história”, onde só os “outros” importam. O “eu” está aqui, porque foram “eles” que o conduziram até cá.

Reconhecemos, hoje, que não basta desejar muito a concretização de um objetivo. Por muito que esteja em nós interiorizado e sublimado o seu valor, é por demais importante prepararmo-nos para os ventos de mudança e para as forças de atrito que nos depreciam, empurrando-nos muitas vezes ao desalento, que também o tempo em nós exerce.

Nem sempre somos o que os outros de nós esperam, mas vezes de mais acontece também o contrário, e há quem, surpreendentemente, se revele maravilhoso e, nas horas difíceis, esteja ao nosso lado.

Assim, começamos por agradecer aos descendentes do Dr. José Bruno Tavares Carreiro, destacando, entre estes, o Sr. Padre, Pedro Maria da Silva Tavares Carreiro, o acesso à correspondência pessoal que o avô nos deixou e que foi um valioso veículo de conhecimento para podermos “navegar por mares nunca dantes navegados”. Esta árdua e “deslumbrante viagem” de um trabalhador estudante, casado e com dois filhos maravilhosos, teve como “cais de embarque” a Base Naval Americana que se estabeleceu em Ponta Delgada no quadro da Grande Guerra (1917-1919), a qual colocava os Açores no centro do mundo.

No decorrer de todo este trabalho que se iniciou em 2010, com a licenciatura em Estudos Europeus e Política Internacional, foram muitos corredores de arquivos e muitas prateleiras de bibliotecas que se percorreram para a pesquisa histórica deste trabalho.

Mas, nesta longa caminhada, nunca estive só!

Sempre dispôs do elevado profissionalismo, da enorme simpatia e amizade das funcionárias da Biblioteca da Universidade dos Açores, que sempre tiveram uma palavra de conforto e de alento para poder seguir em frente. À Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, cuja riqueza e singularidade pude verificar ao longo desta dissertação, agradeço a atenção e competência de todos os seus funcionários e técnicos. O mesmo agradecimento estende-se aos funcionários do Museu Carlos Machado e ao Museu Militar dos Açores, na pessoa do Tenente Coronel Salgado Martins.

Aos meus professores da licenciatura e do mestrado, agradeço o muito que com todos aprendi e continuo a aprender, bem como, o continuar a ter o privilégio do seu afeto.

Se há coisas na vida que não têm preço, uma é, com certeza, a amizade. Por isso, aqui deixo um sentido obrigado a todos os Amigos que me têm apoiado, de diversas formas, e que me têm acompanhado, alguns de perto, outros ao longe, nesta caminhada. De entre estes, não posso deixar de destacar a Lisarda Oliveira Franco e o marido João Franco, o Simão Lemos, a Sra. Rosa Cidade, a Sra. Emanuela Galvão, a Irmã Eduarda Viana e as suas muitas orações, bem como os colegas da Conservatória de Ribeira Grande, pelo constante apoio e estímulo em muitos momentos de desânimo.

Da mesma forma, agradeço à nova “família” que encontrei nos Romeiros de São Pedro, em Ponta Delgada, que, com a sua incondicional amizade, me mostram que o amor de irmão não se reduz a uma questão de ADN. Destaco o irmão contra mestre, Paulo Pacheco, com quem tive a felicidade de partilhar o Curso de Mestrado e usufruir dos seus sábios conselhos.

Um enorme agradecimento à minha família por todo o seu apoio, permitindo-me que destaque a minha irmã Fátima que foi o “estopim” para que, hoje, pudesse partilhar convosco esta etapa singular da minha vida. Um agradecimento muito especial à minha sobrinha Carla Araújo Resendes, nas palavras do Dr. José Bruno, um “autêntico valor intelectual”, pela pronta disponibilidade para ler este trabalho, com uma análise crítica, rigorosa e sugestiva.

Para o final ficaram os agradecimentos, se me permitem, a outros “dois amigos”: o meu Orientador, Professor Doutor Luís Andrade que tem sido para mim um esteio pessoal e intelectual; e o meu co-orientador, Professor Doutor Carlos Riley, que desde o primeiro ano de mestrado, me alimentou a curiosidade e um interesse crescente pela história que está na origem desta dissertação.

Finalmente, agradeço o apoio fundamental da Paula, da Beatriz e do Guilherme, o meu abrigo de sempre, onde, afinal, a “viagem me conduziu” e onde o sonho “desposou” a realidade. Por isso, este trabalho também é algo de seu, por estarem sempre presentes, ainda que eu o não estivesse, mesmo que fisicamente cá.

A DEUS, agradeço por estar sempre comigo, mesmo que, por vezes, não esteja sempre com Ele. Em Sua Casa moram os meus pais, a quem deixo aqui a memória do amor incondicional.

“Nenhum obstáculo é grande demais quando confiamos em Deus.” (Aristóteles)

Abreviaturas

ACRA – Alto Comissário da República nos Açores

ATC – Arquivo Tavares Carreiro

BPARPD – Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada

BUAPD – Biblioteca da Universidade dos Açores em Ponta Delgada

CEP – Corpo Expedicionário Português

DFA – Defesa Marítima dos Açores

EUA – Estados Unidos da América

FGCPD – Fundo do Governo Civil de Ponta Delgada

GCPD – Governo Civil de Ponta Delgada

GV – Governo da República

IRE – Imprensa Regional da Época

JMRA – José Maria Raposo de Amaral

MCM – Museu Carlos Machado

MMA – Museu Militar dos Açores

RN – Royal Navy

SDN – Sociedade das Nações

ST – State Department

SGGC – Secretário-Geral do Governo Civil

TSF – Telegrafia Sem Fios

Resumo

Há 100 anos, no dia 9 de Março, a Alemanha declarou guerra a Portugal.

Nessa altura, chamaram-lhe a *Grande Guerra*. O nome dizia tudo!

Em quatro anos e três meses, somaram-se dois milhões de mortes em combate, quase dez vezes mais que o registado nas guerras napoleónicas, as maiores de que havia memória, em longos 23 anos.

A 17 de fevereiro de 1916, a pedido expresso e urgente da Grã Bretanha – *in the name of the alliance to requisition all the enemy's ships lying in Portuguese Ports* - a apreensão dos 6 navios alemães surtos em portos portugueses, na Horta e Ponta Delgada, desde os alvares do conflito, episódio este que constitui o clímax de todo um conjunto de situações de carácter provocatório a nível bilateral, onde a “neutralidade beligerante” portuguesa era constante.

A 4 de Julho de 1917, o ataque do submarino alemão *Deutschland* a Ponta Delgada e a defesa do transporte americano *Orion* levam a que os EUA se interessem pelos Açores. A marinha americana negocia diretamente com Londres a criação de uma base naval própria em Ponta Delgada, sem que Lisboa seja informada do assunto. Em consequência, surge um conjunto de “facilidades” no arquipélago ao “amigo americano” e, paralelamente, os receios do governo e apoiantes sidonistas. Contudo, o estabelecimento da base “dentro” da cidade faz com que a urbe micalense e a sua população ficassem impregnados com um “perfume” do Novo Mundo, o que fazia despertar alguns setores autonomistas para o reforço de uma maior autonomia açoriana, quiçá, com um protetorado norte-americano. Destacou-se, então, José Bruno Tavares Carreiro.

A nível institucional, a presença de um oficial General de uma marinha de guerra estrangeira em solo nacional – Almirante Herbert O. Dunn - levantaria uma série de questões ao governo republicano e algum desconforto às entidades militares locais. Surgia, assim, pela primeira vez, o cargo do Alto Comissário da República nos Açores, que seria ocupado pelo General José Augusto Simas Machado.

Terminada a guerra, revelaram-se os enormes progressos que a arte de voar tenha feito, e logo cada um tratou de os aplicar a empreendimentos pacíficos, sobressaindo entre estes o desejo de atravessar os mares. Como primeira etapa para uma ambicionada travessia do Atlântico, emergiram naturalmente os Açores.

Palavras-chave: Grande Guerra; Internacional; Base Naval; Americanização; Açores; Autonomia.

Abstract

A hundred years ago, on March 9, Germany declared war on Portugal.

At that time, they called it the ‘Great War’. The name said it all!

In four years and three months, the casualty toll amounted to two million deaths in combat, almost ten times more than the number recorded in the long-lasting Napoleonic wars, the longest there was memory of and which lasted 23 years.

On February 17, 1916, giving response to an express and urgent request of Britain – *in the name of the alliance to requisition all the enemy's ships in Portuguese Ports* – to seize the 6 German vessels moored in the Portuguese ports of Horta and Ponta Delgada, since the dawn of the conflict, which was the climax of a whole set of provocative situations on both sides and where the ‘belligerent neutrality’ of Portugal was constant.

On July 4, 1917, the attack of Ponta Delgada by the German submarine – *Deutschland* – and the defense by the American transportation ship *Orion* lead the US to become interested in the Azores. The US Navy negotiates directly with London the creation of its own naval base in Ponta Delgada, without Lisbon being informed of the matter. Consequently, there come to surface several ‘advantages’ for the ‘American friend’ and, in parallel, the fears of the government and *sidonistas* supporters in the archipelago. However, the establishment of the base ‘inside’ the city makes the Azorean metropolis and its population to become impregnated by the ‘perfume’ of the New World, which awakens some autonomist sectors for the strengthening of the Azorean autonomy, perhaps as an American protectorate. In this context, one name stands out – José Bruno Tavares Carreiro.

Institutionally, the presence of a General officer from a foreign war navy on home soil – Admiral Herbert O. Dunn – raises a number of questions to the Republican government and some discomfort to the local military authorities. Thus emerges, for the first time, the office of the High Commissioner of the Republic in the Azores, which would be occupied by General José Augusto Simas Machado.

Once the war is over, the enormous progress brought by the art of flying is quite visible, and each one tries to use this to the benefit of peace time projects, the desire to cross the oceans as the paramount. As a first step towards a coveted cross of the Atlantic, the Azores naturally emerged.

Keywords: World War; International; Naval Base; Americanization; Azores; Autonomy.

Índice geral

Agradecimentos.....	iii
Abreviaturas	v
Resumo.....	vi
Abstract.....	vii
Índice geral.....	viii
Índice de imagens	x
Introdução geral	1

CAPÍTULO I – OS AÇORES E O ATLÂNTICO

Introdução.....	5
1. Estruturas de apoio aos transportes e comunicações.....	6
1.1. Os cabos submarinos, os Açores e a criação da “ <i>aldeia mundial</i> ”	6
1.2. A Guerra Hispano-Americana e os portos atlânticos insulares.....	13
1.3. O Canal do Panamá na projeção internacional dos Açores.....	18
2. A República, os Açores e a Grande Guerra.....	23
2.1. Os EUA e o reconhecimento da República Portuguesa.....	23
2.2. A posição estratégica dos Açores no plano internacional.....	30
2.3. Os Açores na Grande Guerra e a sua dimensão transatlântica.....	34
Conclusão.....	42

CAPÍTULO II - A BASE NAVAL AMERICANA EM PONTA DELGADA

Introdução.....	43
1. O “Fourth of July” de Ponta Delgada.....	44
1.1. O ataque do submarino alemão “ <i>Deutschland - U-155</i> ”.	44
1.1.1. John H. Boesch: a ação gloriosa do cargueiro americano “ <i>Orion</i> ”	52
1.2. Os “ <i>heróis</i> ” americanos e o “ <i>desprezo</i> ” do governo da República.....	60

2. A oficialização da Base Americana: a primeira presença nos Açores.....	64
2.1. O primeiro acordo político-militar luso-americano.....	64
2.2. Cedência de “facilidades” nos Açores aos americanos.....	72
2.3. As “muitas” reservas dos apoiantes sidonistas.....	76
3. A americanização de Ponta Delgada: os “nossos hóspedes”.....	79
3.1. A vida na cidade: uma <i>little America</i> em Ponta Delgada.....	79
3.1.1. A ação do Secretário-Geral do Governo Civil, Dr. José Bruno.....	94
3.1.2. O percurso político-social do Almirante Herbert O. Dunn.....	108
3.2. As relações institucionais tripartidas: poder local, poder central e as interferências estrangeiras.....	114
3.3. A integração nos Estados Unidos: “ <i>An azorian dream!</i> ”.....	128
Conclusão.....	135

CAPÍTULO III - O PÓS-GUERRA E A DESMOBILIZAÇÃO DA BASE

Introdução.....	136
1. O desenvolvimento da dimensão aérea no fim da guerra.....	137
1.1. Uma nova “função” internacional dos Açores: o caso do NC-4.....	137
1.2. As ilhas, as ligações aéreas e a capacidade de projetar poder.....	143
1.3. O controlo aéreo do Atlântico: os Açores no mercado do século.....	146
2. O “projeto wilsoniano” e as expetativas açorianas.....	149
2.1. Autonomia, independência ou anexação aos Estados Unidos?.....	149
2.2. Portugal, a Conferência de Paris e a SDN: Onde ficam os Açores?.....	161
2.3. A Inglaterra e o “ <i>status quo</i> ” da política externa portuguesa.....	167
Conclusão.....	171
Considerações finais.....	172
Fontes e Bibliografia.....	177
Webgrafia (<i>sítios</i> consultados)	183

Índice de imagens

Imagem 1 – Rampa do “Corpo Santo”, Forte de São Brás, Ponta Delgada	4
Imagem 2 - Submarinos e navios de guerra americanos na doca de Ponta Delgada	40
Imagem 3 - “Ponta” onde se encontrava o submarino alemão <i>Deutschland</i>	47
Imagem 4 - Casa de Francisco do Rego, Pilar, Fajã de Cima, após o ataque	48
Imagem 5 - Estilhaços de granadas resultantes do ataque a Ponta Delgada	50
Imagem 6 – O navio carvoeiro americano <i>Orion</i> e o cruzador francês <i>Friant</i>	53
Imagem 7 - Capitão John H. Boesch, comandante do <i>Orion</i>	56
Imagem 8 - Registo de nascimento de Maria Orion de Arruda	58
Imagem 9 - Soldado da Infantaria Americana - rampa do “Corpo Santo”	65
Imagem 10 - Antena TSF na Nordela, Santa Clara, Ponta Delgada	66
Imagem 11 - Carta de José Maria Raposo de Amaral a J.P. da Conceição	71
Imagem 12 - Navio de guerra americano - doca de Ponta Delgada	79
Imagem 13 - Soldado da Infantaria Americana - rampa do “Corpo Santo”	81
Imagem 14 – Ofício do Almirante Dunn ao ACRA (regulamento de trânsito)	82
Imagem 15 - Submarinos e navios de guerra americanos na doca de Ponta Delgada	83
Imagem 16 - Acampamento da Infantaria Americana na “Mata da Doca”	84
Imagem 17 - Rampa do “Corpo Santo” - montagem dos hidroaviões americanos	85
Imagem 18 - Hidroavião a sobrevoar a doca de Ponta Delgada	86
Imagem 19 - Ofício do ACRA a Neuparth (comemoração do <i>Fourth of July</i>)	87
Imagem 20 – “Augusto de Castilho” - 1.º telegrama do ACRA a Lisboa	90
Imagem 21 – “Augusto de Castilho” - 2.º telegrama do ACRA a Lisboa	91
Imagem 22 - José Bruno Tavares Carreiro	94
Imagem 23 – General Simas Machado (Alto Comissário da República nos Açores).....	96

Imagem 24 - Convite do Almirante Dunn a José Bruno - Viagem ao estrangeiro	100
Imagem 25 - Excerto da carta de Humberto Bettencourt de Medeiros e Câmara	104
Imagem 26 – José Bruno, cônjuge e amigos - Campo de aviação de Santana	105
Imagem 27 – José Bruno e familiares – “Parque Terra Nostra” – Furnas	106
Imagem 28 – José Bruno e grupo da peça de teatro: “As noites de Hampton Club”	107
Imagem 29 - Almirante Herbert O. Dunn (comandante da Base Naval Americana)	108
Imagem 30 – A gripe pneumónica no concelho de Ponta Delgada – dia 02/11/1918	111
Imagem 31 - Telegrama do Alto Comissário da República nos Açores	118
Imagem 32 - Carta do ex-Governador Civil, Virgílio Soares de Albergaria	122
Imagem 33 - Ofício do Almirante Dunn ao ACRA (porto-controlo de navios)	124
Imagem 34 – Ofício do Almirante Dunn ao ACRA (preço-água navios de guerra)	125
Imagem 35 – Ofício do Presidente da Comissão Administrativa de Ponta Delgada	126
Imagem 36 – Censura ao periódico <i>Açoriano Oriental</i> de Ponta Delgada	131
Imagem 37 – Pedido de demissão do ACRA, General Simas Machado	132
Imagem 38 – Aires de Jácome Correia (diretor da <i>Revista Michaelense</i>)	156
Imagem 39 – Excerto da carta de José Bruno a Luís S. Ribeiro (05/06/1919)	157
Imagem 40 – Excerto da carta de José Bruno a Luís S. Ribeiro (24/06/1919)	160

Introdução Geral

As tropas comandadas pelo Almirante Dunn foram recebidas em clima de festa quando, em Janeiro de 1918, a base naval norte-americana se instalou na ilha de São Miguel. Os micaelenses saudavam, não propriamente a guerra, mas a América, o comércio americano, um certo perfume de vida e de civilização do outro lado do Atlântico. Manifestavam, enfim, a sua desmesurada esperança numa era de progresso e desenvolvimento.¹

Na “abertura” do Mundo, as ilhas dos Açores parecem ter desempenhado sempre um papel fundamental, transcendendo a sua reduzida expressão nos domínios da dimensão territorial, do efetivo demográfico, da representação política e da produção de riqueza.

Do passado até ao presente, as ilhas açorianas facilitaram e favoreceram as comunicações, primeiro as marítimas, em função das condições da navegação à vela e dos progressos da ciência náutica, depois as aéreas, consoante as limitações das aeronaves.

A “respirar a amplidão”² das ilhas dos Açores, o presente estudo pretende demonstrar como o estabelecimento da Base Naval Americana em Ponta Delgada, no período de 1917-1919, viria a contribuir para a internacionalização dos Açores, no quadro da Grande Guerra.

A investigação centrou-se em três momentos, temporalmente distintos, que respeitam a cronologia dos acontecimentos “recheados” de casos que, no seu conjunto, evidenciam o crescimento da importância estratégica e internacional dos Açores no decorrer da 1.^a Guerra Mundial.

Num momento inicial - 1.^o capítulo – apresentamos uma perspetiva holística das estruturas de apoio aos transportes e comunicações no quadro *Os Açores e o Atlântico*, em finais do séc. XIX e inícios do séc. XX, designadamente, os Cabos Submarinos e o Canal do Panamá na projeção do Arquipélago dos Açores no panorama internacional. Paralelamente, pretendemos evidenciar como a implantação da República, em 5 de Outubro de 1910, catapultou Portugal para o centro das relações internacionais, não obstante as vicissitudes que levaram a que o reconhecimento oficial do novo regime português pelos EUA só tivesse lugar

¹ Cf. Mário Mesquita, “A base americana dentro da cidade”, *XXI, Ter Opinião*, Lisboa, n.º 4 (Jan-Jun) 2015, pp. 152-159.

² Sophia de Mello Breyner Andresen, *Poema Açores* “. Excerto: “Como num convés \ Respiro amplidão \ No ar brilha a luz \ Da navegação”. Sítio consultado: <http://blog.lusofonias.net>

em Junho de 1911, independentemente da posição britânica e contrariamente aos Estados europeus.

Quando em março de 1916 Portugal entra no conflito e, um ano depois, Washington declara guerra a Berlim, a posição estratégica dos portos insulares emerge como um fator da maior relevância para as autoridades navais americanas e para os comandos Aliados.

Com o desenrolar de tais acontecimentos, entramos no segundo capítulo da dissertação – *A Base Naval Americana em Ponta Delgada* –, ao qual será dedicado um amplo e pormenorizado estudo. Neste ponto, irá compreender-se como, em 1917, no “*Fourth of July*” de Ponta Delgada, se deterioraram as relações, que já não eram as melhores, entre o Arquipélago Açoriano e Lisboa.

Em simultâneo, procuraremos demonstrar como, apesar do sidonismo instalado, a oficialização da base naval americana e a presença dos “*nossos hóspedes*” conseguiram alcançar, no quadro militar, o seu principal propósito: contribuir para o controlo do Atlântico. Tal só terá sido possível pelo determinismo da geografia açoriana. Por sua vez, no quadro social, assistimos à “americanização” de Ponta Delgada e, no quadro político, ao despertar de setores autonomistas, independentistas e, até mesmo, integracionistas para as célebres teses do Presidente Wilson sobre a democracia e a autodeterminação dos povos, reforçando a sua atuação e intervenção em prol de uma maior autonomia açoriana. Daí por diante, o Distrito Autónomo de Ponta Delgada e os Açores ganham mais projeção transatlântica, internacional e nacional, que resultaria na histórica visita de Franklin Delano Roosevelt, então subsecretário da Marinha Americana, aos Açores, em Julho de 1918, à Base Naval Americana estabelecida na cidade.

Por fim, no terceiro capítulo – *O pós-guerra e a desmobilização da Base* – pretendemos, por um lado, destacar a grande importância do voo pioneiro transatlântico (NC-4) para o desenvolvimento da dimensão aérea nos Açores. Neste evento, ter-se-ão entrevisto uma nova “função” das ilhas açorianas e a sua renovada internacionalização, numa altura em que já se falava que o governo inglês pretendia estabelecer no Arquipélago “*com caráter de permanência, centros de aviação marítima e terrestre (...) destinados a ser um apeadeiro, entre a América e a Europa nos serviços aéreos que brevemente serão uma realidade*”.³ Por outro lado, propomo-nos mostrar como o “projecto wilsoniano” acabaria por não corresponder às

³ Cf. *A República*, 1 de dezembro de 1918 (n.º 2.294), “Interesses açorianos”, p.1.

expetativas dos açorianos, no que concerne a uma plena autonomia e, ainda menos, à independência regional, sendo considerado sem fundamento, a anexação dos Açores aos EUA. Manteve-se, pois, no pós guerra, o “*status quo*” na política externa portuguesa – a tutela britânica.

Nas considerações finais, será vertida e sistematizada a reflexão que foi sendo feita nos vários capítulos da dissertação, pela consulta da imprensa regional da época, cruzada com outras consultas paralelas feitas na BPARPD, nomeadamente do FGCPD e do Arquivo Tavares Carreiro; na BUAPD, a correspondência de José Maria Raposo de Amaral; o Arquivo do Museu Militar dos Açores e alguma bibliografia temática.

Realça-se, por fim, que questões como a “americanização” de Ponta Delgada, em consequência da presença militar dos americanos, principalmente naquela cidade durante a I Guerra Mundial, bem como o regionalismo e até independentismo que, em certos períodos, existiram nos Açores, são processos ainda pouco conhecidos da História de Portugal, os quais carecem de uma maior investigação, análise e estudo para a justa valorização da história insular, que deverá ocupar uma relevância de primeira linha no contexto histórico nacional.

“A importância estratégica e a inserção internacional dos Açores dependeram tanto da sua situação geográfica como do trabalho humano, político, económico e científico operado no arquipélago. Tudo concorreu para aumentar a importância internacional dos Açores (...).”⁴

⁴ Cf. José Medeiros Ferreira, *Os Açores na Política Internacional*. Lisboa: Edições Tinta da China, 2011, p. 17.



Imagem 1: Rampa do “Corpo Santo”

Lugar de montagem dos hidroaviões americanos (ainda nos caixotes – à direita); ao fundo, frota de navios americanos na doca (Ponta Delgada, 9 de fevereiro de 1918)⁵.

Local onde se destacará a “internacionalização” dos Açores

⁵ Fotografia de Francisco Afonso Chaves (1857-1926). Museu Carlos Machado (Ponta Delgada). Espólio fotográfico do Coronel Afonso Chaves (CAC3030).